

A AFETIVIDADE NO PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM

Ilza Catarina Rubini¹, Vera Lúcia Catoto Dias²

^{1,2} Universidade do Vale do Paraíba – UNIVAP, CEPLADE – POSGRAD, Avenida: Shishima Hifumi, 2911
Campus Urbanova, CEP 12244 000, São José dos Campos, SP
ilza@directnet.com.br; vcato@univap.br

Resumo: O objetivo central do trabalho de investigação visou identificar os sentidos da afetividade no desenvolvimento e na aprendizagem de crianças em fase inicial de escolaridade. A ênfase no desenvolvimento desse trabalho buscou entrelaçar a construção de vínculos de qualidade no desenvolvimento e na aprendizagem, permeados pela afetividade sob a dimensão da relação inicial entre: mãe e bebê, família e criança, assim como educador e educando. Discutem-se as idéias da Psicologia Cognitiva, no que se refere ao conhecimento, no campo da Afetividade. Ao considerar a aprendizagem como um processo articulado entre: o momento do aprendiz, a sua história e as suas possibilidades sob o aspecto cognitivo, afetivo e social.

Palavras-chave: Vínculo, Afetividade, Aprendizagem.

Área do Conhecimento: Ciências Humanas

Introdução

As emoções estão presentes em todo momento de nossas vidas, nas relações com objetos e principalmente com o outro, onde se criam laços afetivos que levamos pelo resto de nossas vidas. Foi pensando na afetividade, que todo ser humano precisa para viver é que surgiu o desejo de estudar a importância da afetividade no âmbito escolar, pois o educador precisa ver o aluno como um ser inteiro que pensa e que possui sentimentos, afetos, percepções... .

Vivemos em um mundo onde os laços afetivos estão se afrouxando, onde muitas crianças não conhecem, desde a vida uterina, o que é afeto e buscam nas escolas e muitas vezes com professores o que lhes faltam em casa. Por isso o professor tem de conhecer o histórico familiar de cada aluno para poder com carinho e afeto tentar ampliar as referências de mundo e trabalhar as potencialidades que cada aluno possui aumentando na sua auto-estima.

O objetivo central do trabalho de investigação visou identificar os sentidos da afetividade no desenvolvimento e na aprendizagem de crianças em fase inicial de escolaridade. A ênfase no desenvolvimento desse trabalho buscou entrelaçar a construção de vínculos de qualidade no desenvolvimento e na aprendizagem, permeados pela afetividade sob a dimensão da relação inicial entre: mãe e bebê, família e criança, assim como educador e educando.

A chegada de um bebê pode ser representada por um momento importante e significativo, para casais que planejaram e se prepararam para esse acontecimento, uma vez

desejosos em acompanhar o desenvolvimento desse bebê, acolhido pelos pais como filho. As expectativas do casal e demais familiares para a formação do descendente se expressa pelos laços afetivos e amorosos que se estabelecem a partir dos primeiros contatos.

O vínculo afetivo poderá ser estabelecido, muitas vezes, no primeiro olhar se visto também na perspectiva dos casais que buscam através da adoção seu filho, é comum ouvir depoimentos, de alguns casais, dizendo que o amor por tal criança nascera pelo olhar que ambos se lançaram.

A criança é um ser e enquanto indivíduo precisa de vínculos a todo o momento para viver em sociedade seja ela familiar ou não, pois é a partir desta comunidade, desta vida em sociedade é que ela vai formando a sua história de vida e vai percebendo que não está só ela precisa do outro para se relacionar e se desenvolver. (Antunes, 1999).

O número de pessoas com quem a criança se relaciona poderá variar, conforme a cultura, os costumes e a forma com que a família se organiza. Nem sempre uma criança tem o privilégio de criar vínculos dentro de sua própria família, muito menos o afetivo.

Segundo (MANOUG, 1998, p.51) *quando isto ocorre cabe ao Estado assegurar aos cidadãos tais direitos para que a criança possa desfrutar de bens que apenas a dimensão afetiva pode fornecer.* O vínculo, neste caso apresenta-se como uma dimensão política e passa a fazer parte de pautas das políticas públicas.

Um dos grandes desafios, para a criança, é o momento em que se integra na vida escolar, mas é também um dos lugares em que ela mais terá capacidade para estabelecer outras relações

afetivas, de criar novos vínculos no relacionamento com o outro, seja professor, colegas de classe, mães dos colegas, funcionários, dentre outros.

A escola e principalmente o professor passam a ser um fator externo que influenciará no seu sucesso ou no seu fracasso durante toda sua vida.

Todo ser humano necessita do outro significativo para sobreviver e através do contato com este outro, o indivíduo passa a aprender com ele e criar laços afetivos. Um dos lugares onde a criança mais se relaciona com o outro é na instituição escola: ela interage, brinca, aprende ... Com isto fica notória a relação entre a afetividade e o desenvolvimento cognitivo: o sentir e o pensar estão totalmente ligados.

Segundo (MATURANA, 2002, p. 55), *O conhecimento não leva ao controle. Se o conhecimento leva a alguma parte, é ao entendimento, à compreensão e isto leva a uma ação harmônica e ajustada com os outros e o meio.*

A afetividade está presente no cotidiano escolar em cada momento do processo educativo. Deve-se, no entanto, ter um olhar bastante atento, para que a relação no processo de ensino e aprendizagem possa ser de harmonia entre educador e educando. A afetividade é um elemento desenvolvido a partir das relações sociais que podem, através das experiências vividas e do vínculo que foi criado.

É na sala de aula, que os ensinamentos dos professores superam conteúdos registrados nas linhas dos livros, são levados para toda vida. O professor que se envolve afetivamente e efetivamente no seu trabalho como verdadeiro formador, acredita na atuação profissional e a tem como competência a aprendizagem deixará marcas nos aprendizes, pois tanto ensinante e aprendente farão parte da história um do outro. Concordamos com (FERNANDEZ & PAIN, 1991, p. 48) ao expressarem que; *(...) para aprender são necessários dois personagens, o ensinante e o aprendente e um vínculo que se estabelece entre ambos.*

Metodologia

Na elaboração deste trabalho a metodologia orientou-se para pesquisa qualitativa em educação do tipo histórico- bibliográfica.

O quadro teórico foi explicitado pela fundamentação em (ARROYO, 2000), (BOWLBY, 1989), (TIBA, 1996), (FREUD, 1926), (FERNANDEZ, 1991), (MARCHAND, 1985) (MOULY, 1970), dentre outros autores da atualidade que orientaram também muitos dos conhecimentos sobre a constituição do vínculo.

Resultados e discussão

O resultado de pesquisa em (WALLON, 1982) encontra-se que a importância de uma disciplina diferente da que a criança recebe em casa, ainda na escola maternal, além da relação pessoal entre ela e seu educador. Para isso, é de fundamental importância que o professor esteja consciente de sua responsabilidade, tomando decisões de acordo com os valores morais e as relações sociais de sua época, considerando ainda as condições de vida familiar e social de seus alunos.

A contribuição de (PIAGET, 1980) enfatiza o respeito unilateral da criança pelo adulto. O respeito mútuo, de fundamental importância para a criança, deve ser trabalhado em exercício de cooperação, na convivência em grupo, a partir da experiência histórica de cada uma e de seu nível de desenvolvimento. São os esquemas afetivos, construídos na inter-relação da criança com o seu meio, que irão formar o caráter da criança, e o sentimento de respeito que a criança nutre em relação a outras pessoas.

A afetividade não é apenas uma das configurações da pessoa: ela é também uma fase do desenvolvimento, a mais arcaica. O ser humano foi, logo que saiu da vida puramente orgânica, um ser afetivo. Da afetividade diferenciou-se, lentamente, a vida racional. Portanto, no início da vida, afetividade e inteligência estão sincreticamente misturadas, com o predomínio da primeira. (PIAGET, 1980).

Falar de afetividade na relação professor-aluno na perspectiva Walloniana, é falar de emoções, disciplina, postura, do conflito eu-outro, uma constante na vida da criança, em todo o meio de qual faça parte, seja a família, a escola ou outro ambiente que ela frequente. *É preciso ter o cuidado de transmitir nossas mensagens com clareza e pensar nas conseqüências do que dizemos, sem, contudo, transformarem-se em armas que ferem, humilham ou danificam a auto-estima dos outros.* (MALDONADO, 1994, p.38).

Para o autor, as teorias sobre emoções podem apresentar base mecanicista, difíceis de serem compreendidas. Primeiro, ele as vê como reações sem harmonia entre as idéias e desordenadas depois destaca o poder de propulsor das emoções vistas como positivas.

A dimensão afetiva, que é de fundamental importância para (WALLON, 1982), seja do ponto de vista da construção da pessoa como do ponto de vista do conhecimento, será marcante para o desenvolvimento da espécie humana que se manifesta a partir do nascimento e estende-se pelo primeiro ano de vida da criança.

Assim, vemos que para (WALLON, 1982), a afetividade, além de ser uma das dimensões da pessoa, é uma das fases mais antigas do

desenvolvimento, pois o homem logo que deixou de ser puramente orgânico passou a ser afetivo e, da afetividade, lentamente passou para a vida racional.

Para o autor, é na escola maternal, que a criança começa a se emancipar da vida familiar. Nesse período, é necessário disciplina para que a criança seja feliz, uma disciplina de ordem maternal, diferente da que virá receber mais tarde na escola. É necessário, também, que haja relações de ordem pessoal entre ela e seu educador, quase que de ordem maternal.

Para Piaget, todo processo de desenvolvimento inerente ao ser humano passa pela dimensão social e envolve cognição, afeto e moral. Sua teoria, portanto, vem esclarecer e fortalecer mais ainda a relação professor-aluno, caracterizada, positiva ou negativamente, pelas intenções afetivas que por ela perpassam.

Segundo ele, durante os últimos trinta anos, tanto psicólogos, quanto educadores, voltaram a atenção mais para o papel dos conceitos cognitivos do que para os conceitos afetivos da sua teoria. Ele próprio, mesmo reconhecendo o aspecto afetivo como importante, concentrou sua atenção mais no aspecto cognitivo. (PIAGET, 1980).

Não há comportamento afetivo sem vínculo cognitivo ou vice-versa, há apenas uma diferença de natureza. O interesse, para Piaget, é o elemento poderoso e comum de afetividade que, por sua vez, influencia a seleção de atividades intelectuais, ou seja, a seleção não é provocada pelas atividades cognitivas, mas pela afetividade.

Nesta perspectiva, o relacionamento entre professor e aluno deve ser de amizade, de troca de solidariedade, de respeito mútuo, enfim, não se concebe desenvolver qualquer tipo de aprendizagem.

O papel do professor requer uma reflexão que aponta à necessidade de mudança na concepção quanto a Educação, proporcionando mudança de metodologia caminhando ao encontro da real necessidade de seus alunos.

O professor, em colaboração com seus alunos e de acordo com sua individualidade, modifica suas próprias idéias em conformação com a realidade, que é móvel e dependente da existência de todos, e que também deve visar ao interesse de cada um.

O ensino é carregado de situações conflitantes que envolvem os valores do professor, do aluno, da família e da sociedade, sendo solucionado por meio da sensibilidade que a experiência proporciona. Fato este que (FREIRE, 1996) aborda no sentido de que a escola hoje deve contemplar espaço de reflexão das práticas sociais, oferecendo intercâmbio do saber e tendo o professor como mediador.

A experiência professor-aluno para que seja significativa, deve ser permeada por afetividade, já que cognição e afeto caminham lado a lado na trilha do conhecimento humano. Por isto mesmo, aprender é uma forma de desenvolvimento de competências individuais, além de ser um exercício constante em estar de braços abertos para todo e qualquer conhecimento. Aprendizagem é mudança de comportamento, seja essa mudança por fatores intrínsecos ou extrínsecos ao sujeito aprendiz.

A necessidade de amor e participação expressa o desejo de todas as pessoas de se relacionarem afetivamente com os outros, de pertencerem a um grupo. A vida social é uma necessidade que explica a maior parte de nossos comportamentos. A necessidade de estima levamos a procurar a valorização e o reconhecimento por parte dos outros.

O sucesso ou fracasso do aluno, na escola, depende em parte de sua auto-estima, da confiança que tem em si mesmo. Mas essa auto-estima e essa confiança originam-se da estima e da confiança que os outros depositam nele, principalmente o professor. A necessidade de realização expressa a tendência a transformar em realidade o que somos potencialmente, a realizar os planos e sonhos, a alcançar os objetivos.

A busca da realização é uma das motivações básicas do ser humano; pode atuar fortemente em sala de aula, em benefício da aprendizagem.

A escola, na figura do professor, precisa compreender o aluno e seu universo sócio-cultural. Conhecer esse universo é de grande eficácia para o trabalho do professor que atua no plano universal, cultural e pessoal, já que existem, para a espécie humana, processos mentais próprios, mas que podem variar de acordo com as culturas nacionais, regionais, e até em momentos históricos específicos.

Conclusão

É fundamental que a criança seja estimulada em sua criatividade e que seja respondida às suas curiosidades por meio de descobertas concretas, desenvolvendo a sua auto-estima, criando em si uma maior segurança, confiança, tão necessária à vida adulta.

É preciso que os pais se impliquem nos processos educativos dos filhos no sentido de motivá-los afetivamente ao aprendizado. O aprendizado formal ou a educação escolar, para ser bem-sucedida não depende apenas de uma boa escola ou de bons programas, mas, principalmente, de como a criança é tratada em casa e dos estímulos que recebe para aprender;

É preciso entender que o aprender é um processo contínuo e não cessa quando a criança está em casa.

As mudanças políticas, sociais e culturais são referenciais para compreender o que acontece nas escolas e no sistema educacional. O psicopedagogo deve saber interpretar e estar inteirado com essas mudanças para poder agir e colaborar, preocupando-se com que as experiências de aprendizagem sejam prazerosas para a criança e, sobretudo, que promovam o desenvolvimento.

Portando, a psicopedagogia, pode fazer um trabalho entre os muitos profissionais, visando à descoberta e o desenvolvimento das capacidades da criança, bem como pode contribuir para que os alunos sejam capazes de olhar esse mundo em que vivem, de saber interpretá-lo e de nele ter condições de interferir com segurança e competência. Assim, o psicopedagogo não só contribuirá com o desenvolvimento da criança, como também contribuirá com a evolução de um mundo que melhore as condições de vida da maioria da humanidade.

Referências

- ANTUNES, C. **Alfabetização Emocional**. São Paulo: Terra, 1996.
- _____. **A construção do Afeto**. 1ª ed. São Paulo: AUGUSTUS, 1999.
- BOWLBY, J. **Apego e perda: apego, v.1**/John Bowlby. Tradução de Álvaro Cabral. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- BRUNER, J. **Realidade mental, mundos possíveis**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
- _____. **A cultura da educação**. Porto Alegre: Artmed, 2001.
- FERNANDEZ, A. **A inteligência aprisionada/Alicia Fernandez**. Tradução Iara Rodrigues. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.
- FERMINO, F. S.; BORUCHOVITH, E.; DIEHL, T. L. F. **Dificuldades de aprendizagem no contexto psicopedagógico**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 1996
- GOMES, I. R. de L. **A escola como espaço de prazer** São Paulo: Summus, 2000.
- MALDONADO, M. T. **Aprendizagem e Afetividade: Leituras Psicológicas da Construção do conhecimento**. AEC : Revista de Educação, nº 91, ano 23, pp. 37-44, abril / junho de 1994.
- MANOUG, S. K. **Família brasileira, a base de tudo**. 3. ed. – São Paulo : Cortez; Brasília, Df : UNICEF, 1998.
- MARCHAND, M. **A afetividade do educador**. São Paulo. Summus, 1985.
- MATURANA, H. **Emoções e linguagem na educação e na política**. Belo Horizonte: UFMG, 1998.
- MINUCHIN, S. **Famílias: Funcionamento & Tratamento**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.
- PAÍN, S. **Diagnóstico e tratamento dos problemas de aprendizagem**. Tradução de Ana Maria Netto Machado . Porto Alegre, Artes Médicas, 1985.
- PIAGET, J. **A psicologia da criança**. São Paulo/Rio de Janeiro: DIFEL, 1980.
- PICHON-RIVIÈRE, E. **Teoria do Vínculo**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- OLIVEIRA, M. K. **Vygotsky - Aprendizado e desenvolvimento: um processo sócio-histórico**. 4. ed. – São Paulo: Scipione, 2001.
- PIAGET, J. **A psicologia da criança**. São Paulo/Rio de Janeiro: DIFEL, 1980.
- TIBA, Içami. **Disciplina, limite na medida certa**. São Paulo: 1ª ed. - Editora Gente, 1996.
- WADSWORTH, B. J. **Inteligência e afetividade da criança na teoria de Piaget**. 2. ed. – São Paulo: Pioneira, 1993.
- WALLON, H. **Psicologia e Educação da Criança**. São Paulo, Atica, 1982